

SABERES NECESSÁRIOS A EDUCAÇÃO: TRABALHANDO HABILIDADES E COMPETÊNCIAS

Madalena de Oliveira Molochenco¹

RESUMO

Este artigo apresenta conceitos desenvolvidos por Terezinha Rios em sua obra *Compreender e ensinar. Por uma docência de melhor qualidade*. Para Rios a educação com qualidade depende de uma docência com qualidade. Tal docência apresenta-se em 3 dimensões: a técnica, a estética, a ética e política. Compreender cada uma dessas dimensões tendo um olhar voltado para a Educação cristã poderá ajudar a educadores a compreender melhor sua missão nos processos de ensino/aprendizagem.

Palavras chave: Saberes, Habilidades, Competências, Educação cristã.

ABSTRACT

This article presents concepts developed by Terezinha Rios in his book *Understanding and teaching. For a better quality teaching*. Rios advocates that a quality education depends on quality teaching. Such teaching is presented in three dimensions: technique, esthetics, ethics and politics. Understanding each of these dimensions with a look toward the Christian education can help educators better understand its mission in teaching / learning.

Keywords: Knowledge, Skills, Competencies, Christian Education.

INTRODUÇÃO

A educação cristã que provoca saber e sabor

Gosto dos textos de Terezinha Rios. Dos muitos textos que já escreveu desejo salientar a obra *Compreender e ensinar: por uma docência de melhor qualidade*. A experiência docente da prof^a Terezinha nos faz pensar sobre o prazer e a alegria de ensinar, mas, também expressa que em sua jornada docente nem tudo é alegria e satisfação. Num dos trechos dessa obra, ela confessa que “às vezes sente a esperança se afastar”. Quando fala em esperança creio que ela nos estimula a pensar no trabalho docente como uma esperança na formação de indivíduos que poderão ser no dia de amanhã, melhores pessoas, melhores profissionais, melhores cidadãos. O ato de ensinar e a tarefa do magistério por vezes nos ‘desesperançam’ diante das dificuldades do dia a dia, mas, como diz a prof^a Terezinha “é no próprio espaço do trabalho que “esperanço” de novo” (RIOS, 2008, p. 17).

A área de formação de professores tem sido um dos focos da minha formação e atuação e tenho trabalhado com capacitação docente há muitos anos. Ao conversar com professores, percebo em alguns, muito entusiasmo com a tarefa de ensinar, e da mesma forma que a prof^a Teresinha demonstram ‘gosto’ pelo ensino.

Também gosto de dar aulas. Às vezes ‘desesperanço’, se é que essa palavra existe, mas ao retornar para sala de aula a esperança se renova. Creio que todo professor tem uma história para contar de ‘desesperança’ e de esperança na área de ensino.

Na educação religiosa não é diferente. Arrisco-me a dizer que em algumas igrejas ou comunidades por vezes a intensidade da desesperança seja em diversos aspectos, maior. Talvez não devesse ser assim, mas aqui e acolá, tenho escutado isso de alguns educadores. Por vezes encontramos professores animados com sua docência e por vezes, professores desanimados que nos causa tanto sofrimento.

Não é nossa intenção neste artigo explorar as causas das ‘desesperanças’, mas de uma maneira mais positiva, compartilhar algumas ideias que Rios traz em sua obra: *Compreender e ensinar, por uma docência de melhor qualidade*. São diversos os aspectos da melhor docência que ela nos traz neste artigo. Destaco o aspecto da competência docente quando a

autora afirma que a docência de boa qualidade é aquela “ação que faz *bem* – que, além de ser eficiente, é *boa* e *bonita*. O ofício de ensinar deve ser um entrecruzamento de *bem* e *beleza*” (RIOS, 2008, p. 24).

Aqui está um aspecto que gostaria de chamar à atenção. A ação docente imbricada nos conceitos de *bem* e *beleza*, remete o leitor a ideia daquilo que dá prazer, do que é agradável. Rios ensina isso ao lembrar que os conceitos de *bem* e *beleza* carregam em si outras conotações como a “ideia de fruição, de prazer, de perspectiva de saborear a realidade [...] saber e sabor têm a mesma origem etmológica” (RIOS, 2008, p. 24).

Quando li esta frase: ‘saber e sabor têm a mesma origem etmológica’, fiquei a pensar no ensino bíblico. Se **saber** tem a mesma origem de **sabor**, significa que **conhecer** deve ser **saboroso**! Se o saber não é saboroso, não traz prazer, não é procurado pelas pessoas². Como o ensino bíblico pode trazer prazer?

Entendemos que a autora vincula o prazer de ensinar com o que é bonito, com o que é bom, e, sendo assim, o saber e o conhecer também devem ser prazerosos. Importa a nós educadores cristãos, compreender a docência como algo que faz bem, que é bom e bonito e de igual maneira, entender o ensino bíblico como uma ação que traz prazer, deve ser agradável de ouvir e de ver, ou seja, que tenha uma boa apresentação. A Bíblia nos ensina sobre a importância de conhecer a Deus e as suas escrituras: *Pois tudo que outrora foi escrito, para nosso ensino foi escrito, a fim de que, pela paciência e pela consolação das Escrituras, tenhamos esperança* (Rm 15.4).

Rios amplia o conceito de prazer pelo conhecer quando afirma que: “O mundo é do tamanho do conhecimento que temos dele. Alargar o conhecimento, para fazer o mundo crescer, e apurar seu sabor, é tarefa do ser humano. É tarefa, por excelência, de educadores” (RIOS, 2008, p. 24). Essa frase é impactante. O conhecimento alarga os ‘horizontes’, alarga a compreensão do ser humano sobre si mesmo, sobre o que está ao seu redor, sobre as pessoas com as quais convive. O pensamento da autora nos leva a entender que o mundo se torna menor ou maior na medida em que nos apossamos do conhecimento a seu respeito.

Levando em conta esses conceitos, de que forma se encaixa o conhecimento da Bíblia? A Palavra de Deus além de fortalecer o coração das pessoas, as conduz a caminhos, percursos ao lado de Cristo. O ensino da Bíblia deveria provocar prazer, provocar sabor e alegria à vida do aprendiz.

Aqui está a nossa questão: estaria o professor do ensino bíblico sendo incompetente ao não proporcionar prazer aos seus educandos? Se isso representa ser incompetente, afinal, o que é ser um professor competente? O que é apresentar um ensino de qualidade?

O que é competência?

A palavra **competência** para o ensino tem sido explorada por diversos autores. De diferentes formas se referem à competência de ensinar, partindo de várias perspectivas.

A competência segundo Rios pode ser usada para “designar múltiplos conceitos: capacidade, saber, habilidade, conjunto de habilidades, especificidade” (RIOS, 2008, p. 67).

A competência segundo (PERRENOUD, 1999, p.15), um educador francês, se refere a “capacidade de mobilizar diversos recursos cognitivos para enfrentar um tipo de situação” (Perrenoud, 1999, p. 15). Em sua obra *10 novas competências para ensinar*, ele traz um grupo de competências as quais ele considera fundamentais para atuação do professor do século XXI além de diversas competências específicas que representam situações nas quais o professor se depara em seu dia a dia.

Destaco 5 das competências mencionadas por Perrenoud:

- trabalhar com a diversidade – implica em administrar a heterogeneidade, trabalhar com alunos com dificuldades, ampliar a gestão da sala para espaços mais amplos de compreensão do ser humano, desenvolver a cooperação entre alunos.
- utilizar novas tecnologias – implica em utilizar novos editores de texto, comunicar-se a distância, utilizar ferramentas de multimídia.
- envolver os alunos em suas aprendizagens suscitando o desejo de aprender – implica em desenvolver a capacidade de auto-avaliação, negociar com os alunos ‘contratos’ de aprendizagem.
- participar mais como sujeito transformador envolvendo-se com ações que produzam melhorias na escola para o bem comum – implica em – ter um olhar constantemente voltado para o que acontece ao redor, no contexto maior e fora dele.

➤ buscar sempre novas aprendizagens para o bom exercício de sua profissão – estabelecer programas de capacitação para si mesmo, estimular os colegas a evoluir em treinamentos, avaliar suas próprias práticas.

Cada competência mencionada por Perrenoud faz conexões com nosso trabalho de ensino bíblico. “A diversidade compreende as diferentes linguagens que caracterizam as diferenças entre as pessoas, as raças, as gerações e o tempos. Sendo assim ela nos convida a repensar nossas posturas como educadores” (MOLOCHENCO, 2007, pg. 46). O uso de novas tecnologias já é uma realidade em nossas igrejas nos momentos de cultos e celebrações. Entretanto, a oferta de cursos bíblicos/doutrinários on-line, que ofereçam oportunidades a pessoas que por diversos motivos não podem comparecer aos grupos de ensino bíblico, ainda é um campo a ser explorado. Ampliar as possibilidades de contato com novos saberes é um desafio aos educadores nos dias de hoje. Jesus foi um mestre que inovou. Os evangelhos trazem narrativas de como ele ampliou campos do saber quando trabalhou com a diversidade trazendo novas linguagens ao povo para que compreendessem a mensagem do Reino de Deus. Ele também inovou quando utilizou recursos compatíveis com a história e a cultura do povo de então provocando

os discípulos a pensar, a fazer associações com conhecimentos já adquiridos produzindo assim novos conhecimentos” [...] “Nossos alvos podem ser: inovação, atualização e a busca de uma participação maior em prol do bem comum, quer seja da sociedade em geral ou das igrejas (MOLOCHENCO, 2007, pg. 46).

A busca do educador por capacitação poderia se tornar alvo constante a ser conquistado. Há muitas instituições com boas ofertas na área educacional.

O que é qualidade?

A qualidade diz respeito àquilo que está sempre à frente, o que vem sendo construído, alcançado, almejado pelos sujeitos (RIOS, 2008). A qualidade, vista dessa forma, depende não somente do como é feito, mas do quanto se projeta à frente, para fazer mais e melhor. Buscar a qualidade em educação não é simplesmente aumentar a quantidade de investimentos, mas sim pensar no quanto o investimento em vidas e o investimento financeiro trazem benefícios à comunidade e à sociedade que é atendida. Para Rios, a qualidade na educação não é “um atributo, uma propriedade, mas consistiria num *conjunto* de atributos de propriedades que caracterizariam uma boa educação” (RIOS, 2008, p. 68).

A educação de uma maneira geral tem uma preocupação em formar cidadãos capazes, responsáveis e uma educação de boa qualidade deve expressar tal preocupação buscando alcançar a todos os sujeitos sociais.

É importante pensar a igreja como uma contribuição social, pois a mesma não está à parte da sociedade. Para os sociólogos da educação a instituição escola tanto forma como é formada pela realidade, pois os sujeitos ligados entre si convivem e desenvolvem-se como grupos sociais. Para a educação religiosa, da mesma forma, a igreja e os grupos de estudo bíblico estão também inseridos na sociedade. A sociedade está representada nestes grupos de ensino, sejam eles Escolas Bíblicas Dominicais, grupos de discipulado, grupos de comunhão, pequenos grupos, células, e desempenham uma função social e cultural na medida em que incluem todo e qualquer sujeito em seu meio.

A educação de boa qualidade está diretamente vinculada à docência competente. Tal questão leva a autora a levantar algumas questões: o que é docência de boa qualidade, e quais qualidades devem expressar a boa docência?

Competência & qualidade

Rios segue em sua argumentação afirmando que “competência é uma totalidade que abriga em seu interior uma pluralidade de propriedades, um conjunto de qualidades de caráter positivo, fundadas no bem comum, na realização dos direitos do coletivo de uma sociedade” (RIOS, 2008, p.93). A articulação entre os conceitos de qualidade e competência se manifestam a partir de quatro dimensões: Técnica, Estética, Política e Ética.

➤ **Dimensão Técnica** – a palavra técnica em seu sentido mais etmológico, tem a ver com o que é específico de uma determinada tarefa no desempenho de alguma função: técnica de desenho, técnica de natação. Na área da educação houve um tempo em que se falava de tecnicismo. O termo ‘tecnicismo’ foi criticado por desvincular a técnica de ensino da ‘inserção social’ ou seja, a aplicação de uma técnica sem levar em conta para qual e em qual contexto social e político era aplicada (RIOS, 2008, p. 95). A técnica aplicada a produção de algo, tendo em vista a ação para alcançar um determinado objetivo faz mais sentido para a educação. A diferença entre a prática e a *práxis* é que a prática tem a ver com a execução de algo, mas a *práxis* tem a ver com essa realização sendo uma constante, quase uma maneira de ser. Rios ainda acrescenta ao conceito de *práxis* a ideia de agir com criatividade para que, algo novo seja sempre incluído, deixando de lado a burocracia, que

traz como marca a simples repetição de algo, a ausência de reflexão.

“É preciso que a técnica seja fertilizada pela determinação autônoma e consciente dos objetivos e finalidades, pelo compromisso com as necessidades mais concretas do coletivo e pela presença da sensibilidade, da criatividade” (RIOS, 2008, p. 96). A dimensão técnica se evidencia no educador cristão que se preocupa com o preparo de suas aulas. É preciso estudar muito, orar, ler bons livros, buscar formas criativas de apresentar suas aulas.

➤ **Dimensão estética** – na dimensão estética Rios nos direciona a pensarmos na sensibilidade, na beleza do “saber e do fazer docente” (RIOS, 2008, p.96). Sobre sensibilidade, explica a autora, que esta faz parte do potencial do ser humano de ser criador, e, vincula essa sensibilidade à afetividade. A criatividade está ligada à vida, mais exatamente ao viver, à existência. Somos criados ao redor de outros seres humanos o que ratifica nossa condição de ‘homem’. O homem naturalmente é criativo, e essa criatividade se desenvolve nas relações sociais. A sensibilidade é apresentada por Rios, também como algo natural, e, ao afirmar a presença da criatividade e da sensibilidade como características humanas, faz uma conexão dessas com a educação e com o fazer docente. “A sensibilidade e a criatividade não se restringem ao espaço da arte. Criar é algo interligado a viver [...] A estética é na verdade, uma dimensão da existência, do agir” (RIOS, 2008, p.96). Uma expressão muito interessante usada pela autora é des-cobrir, que traz o sentido de “afastar o que estava coberto” (RIOS, 2008, p. 23). A dimensão estética, ampliada pelos conceitos de sensibilidade e criatividade, desafia o educador cristão a buscar formas estéticas de apresentar suas aulas, de despertar a sensibilidade humana, de ‘dar asas’ à imaginação, desenvolvendo a criatividade em alunos, ajudando-os a mergulhar em momentos de ensino e aprendizagem com mais beleza, mais cores e mais sons. Lembrando nosso forte costume e tradição de utilizar ‘revistas’ em nossas EBDs e grupos de estudo bíblico alerta a que estas se tornem simples roteiros didáticos e de conteúdos, e que a cada dia a dimensão estética seja um alvo a perseguir em nossas aulas.

➤ **Dimensão ética e política** – ética tem a ver com o espaço, com o mundo que é transformado pela presença do humano. Tais transformações são geradas a partir das diferentes formas de interpretar a realidade, de compreender o viver das pessoas, de aceitar as diferenças raciais, imbricadas no espaço geográfico, na história dos povos, nas heranças culturais. A cultura é criada e identifica um jeito próprio de viver de cada povo, de cada lugar. Na cultura também são criados valores que partem das significações das pessoas que, por seus costumes, atribuem às atitudes do ser humano valorizações como

bem e mal; ruim e bom; bonito e feio, etc. Além da valoração, as regras e os deveres são constituídos, e, espera-se que sejam cumpridos, obedecidos. A ética pensa sobre a moral refletindo sobre os dilemas humanos que por sua vez refletem as valorações. A pólis por sua vez é o lugar onde o homem vive, onde legitima suas ações. A pólis é a cidade, no entender da filosofia grega, é onde está o poder controlador das coisas que se realizam e que para Aristóteles é o lugar onde se deveria buscar o bem comum, o bem viver, representando um lugar onde o homem pudesse viver suas realizações, pudesse ser feliz.

Rios desenvolve aqui o conceito de cidadania e trabalho docente. O “trabalho docente competente é um trabalho que faz bem” (RIOS, 2008, p. 107) O docente acionado pelo desejo de ‘fazer bem’ algo para seus alunos e para sociedade, coloca à disposição deste ‘fazer bem’, todos os recursos que são naturalmente seus e os recursos que estão ao seu redor, em seu contexto para essa realização. É tarefa fundamental da educação e da escola formar o cidadão ao construir, reconstruir e socializar o conhecimento. Como isso se aplica para o educador cristão e à Educação Cristã? Se pensarmos na educação integral, desenvolver o conceito de “pólis” em nossas igrejas deveria ser um objetivo constante. A Palavra de Deus nos ensina que nosso lar não é aqui neste mundo, mas nos céus. Como peregrinos aqui e representantes do Reino de Deus, vivemos mergulhados na sociedade, nas cidades, nos estados, nas nações sujeitos ao poder vigente que as dirigem e assim, precisamos cumprir com nossos deveres. A igreja desempenha importante papel de educar para a cidadania como cristãos obedientes. Vejo como uma grande oportunidade o ensino da cidadania nos espaços eclesiais, não somente tendo como meta o cumprimento das leis, mas também como mais um espaço para desenvolver posturas éticas e comportamentais.

Em nossas igrejas nos deparamos com docentes que deixam à mostra a improvisação, a falta de dedicação, a falta de amor, pouca ou nenhuma criatividade, promovendo o desprazer do educando. Sabemos que em algumas comunidades, em algumas igrejas, os docentes encontram pouco apoio das lideranças. Tal falta de apoio os leva muitas vezes ao desânimo e ao não desejo de querer lutar por uma educação cristã de melhor qualidade e por melhores condições nesta área tão carente de recursos físicos e humanos.

Rios finaliza seu texto lembrando que ensinar é comunicar num espaço e num tempo “privilegiado da comunicação didática”; aula não é algo que *se dá* - na aula se *faz* um trabalho conjunto de professores e alunos.

CONCLUSÃO:

O professor, na arte do ensino bíblico tem seu modelo em Jesus, o mestre dos mestres. Jesus foi um grande **inovador** procurando ensinar sobre o Reino de Deus tendo o cuidado de respeitar a 'lei e os profetas'. Foi um pioneiro no conceito de **aprendizagem significativa** buscando construir novos conhecimentos a todos que o ouviam em suas maravilhosas lições. Ele trabalhou a **diversidade** não discriminando pessoa por suas diferentes raças, profissões ou status social. Ele compreendeu as necessidades do povo e foi ao encontro de cada um com mensagens de esperança apresentando uma nova maneira de ver a vida eterna utilizando **linguagem** apropriada e **recursos inovadores** para a época. Jesus **provocou** os discípulos a novas maneiras de pensar sobre velhos conceitos produzindo novos conhecimentos. Ele discutiu o senso comum numa tentativa de levar o homem de então a pensar nas razões de suas atitudes religiosas (MOLOCHENCO, 2007, p.46).

Jesus como mestre dos mestres comunicou sua mensagem de forma a salientar a beleza e o sabor de seus ensinamentos. Deixa-nos um exemplo e nos desafia a que prossigamos buscando a relação entre o *saber* e o *sabor* do novo conhecimento tendo como referência a Palavra de Deus.

Bibliografia:

- MAGER, Robert F. *Atitudes favoráveis ao ensino*. Porto Alegre : Globo, 1976.
- MOLOCHENCO, Madalena de Oliveira. *Curso de Teologia básica Vida Nova*. Vol 8. São Paulo : Vida Nova, 2008
- PERRENOUD, Philippe, *10 novas competências para ensinar*. Porto Alegre: Artemed, 2000.
- RIOS, Terezinha Azeredo. *Compreender e ensinar, por uma docência de melhor qualidade*. São Paulo : Cortez, 2008.

¹ Graduada em Pedagogia e Teologia. Pós graduada em Psicopedagogia, Magistério do Ensino superior e Ensino religioso escolar. Mestre em Distúrbios do desenvolvimento. Doutora em Educação. Coordenadora acadêmica da Faculdade Teológica Batista de São Paulo.

² Robert Mager (1976) no prefácio de um de seus livros conta a história de um rei do reino das gotas que de todas as formas busca chamar a atenção de seus súditos. Um dia o rei tão preocupado em chamar atenção, reúne todos no solarium real com seu corpo todo coberto de alho e gritando fortemente num grande megafone pensando que talvez, apresentando-se dessa forma, alguém ouviria o que ele queria dizer. Qual não foi sua surpresa quando os portões do reino se abriram e todos saíram correndo A moral da história é: o que não traz prazer não é procurado pelas pessoas.